

# A MISÉRIA DA FILOSOFIA E O MÉTODO EM MARX

## THE POVERTY OF PHILOSOPHY AND THE METHOD IN MARX

Jean Paulo Pereira de Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo que apresentamos ao leitor agora é parte de uma tese de pós-doutoramento que se iniciou em 2019 e se desdobrará até 2021 pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES/UEMS. A pesquisa se ocupou em desdobrar parte da produção marxiana e a constituição do conceito de método, radicalmente diferente da gnosiologia predominante até o nosso tempo presente. Tratamos aqui de socializar parte de nossas investigações sobre o método em Marx diante da realidade desigual e combinada.

**Palavras-chave:** História; Marx; Método.

**Abstract:** The article we present to the reader is now part of a post-doctoral thesis that started in 2019 and will be unfolded until 2021 by the National Post-doctoral Program of CAPES/UEMS. The research was concerned with unfolding part of Marxian production and the constitution of the concept of method, radically different from the prevailing gnosiology until our present time. Here we try to socialize part of our investigations about the method in Marx in face of the unequal and combined reality.

**Keywords:** History; Marx; Method.

### INTRODUÇÃO

Partimos de um pressuposto: de que não há em Marx um método epistemológico como predominantemente nos é ensinado, supostamente, nas universidades. Método como conjunto de procedimentos e normas a serem seguidas, exógenas, definitivamente, não é o caminho (*weg*<sup>2</sup>) de Marx. Todavia, postulamos que há um método, outro caminho (*weg*) em Karl Marx, um método ontológico, que atravessa o gnosiológico, que está para além da epistemologia moderna, predominantemente kantiana.

Nosso artigo trata sobre o método em Marx a partir de sua obra “A miséria da Filosofia”. Trata-se de um dos poucos textos iniciais de Marx onde escreverá detidamente sobre o método. Nosso texto é parte de uma pesquisa de pós-doc, financiada pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES, sob o título “*O método em Marx: um estudo sobre o método marxiano e suas contribuições para o entendimento da realidade desigual e combinada em nosso tempo presente*”, em andamento entre os anos de 2019 e 2021. Por sua vez esta pesquisa está diretamente ligada à tese de

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais e Pesquisador no Programa Nacional de Pós-Doutorado/CAPES/UEMS. E-mail: fafica\_95@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Marx se refere ao seu método fazendo distinção ao método epistêmico ou mesmo ontológico idealista. O sentido de método em Marx é empregado como caminho/percurso (*weg*), mesmo que utilize a palavra método (*methode*), em alguns momentos, para se referir ao seu próprio método dialético. É o que pretendemos demonstrar em nosso estudo.

doutoramento desenvolvida entre os anos de 2011-2015, sob o título: Um estudo sobre o conceito de história e tempo presente em Marx através da crítica da economia política de 1859.

Para esta publicação temos o objetivo de socializar parte de nossas problematizações acerca do método em Marx a partir da crítica que o revolucionário alemão desdobra sobre parte do pensamento de Joseph Proudhon. Organizamos a exposição de nosso texto em dois momentos: o primeiro trata do texto e contexto histórico do objeto e o segundo do texto trabalhado em si, detidamente sobre as considerações marxianas sobre o método. Esperamos apresentar algumas palavras sobre “A miséria da filosofia” de Marx, sem a pretensão de esgotar o tema ou de postular as palavras finais.

## 1. TEXTO E CONTEXTO

O texto que analisamos durante investigação e que apresentamos agora como artigo foi traduzido para Língua Portuguesa por José Paulo Netto e publicado pela Boitempo Editorial em 2017. Ao lado desta tradução, também utilizamos a edição francesa de 1968 publicada pela *Éditions Sociales*, Paris. Esta obra de Marx fora escrita e publicada originalmente em francês, dada a necessidade de responder rapidamente ao debate sobre a sociedade burguesa e a sua forma de funcionamento no tempo presente. Uma publicação financiada pelo próprio autor, o que colabora para nossa consideração sobre a necessidade imperiosa da crítica de

Marx, nos apresentando um aspecto central do seu método (*weg*).

“Miséria da Filosofia”, que traz como subtítulo de capa, “Resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon” é um texto de 1847, publicado como livro em Bruxelas/Paris, difere-se dos manuscritos até agora analisado por nós. Trata-se de uma rápida resposta de Marx ao livro publicado em 1846, de autoria de Pierre Joseph Proudhon, sob o título “Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria”. É neste trabalho que Marx apresentará ao público, pela primeira vez, a concepção materialista da história (equivocadamente chamada no século XX de materialismo histórico) desenvolvida em *A Ideologia Alemã*; o seu método, ao criticar o método do pensador francês, e ainda, seus estudos sobre economia política.

Neste trabalho, identificamos o desenvolvimento da crítica de Marx a um dos maiores representantes do socialismo europeu, a partir da França, de um dirigente político revolucionário de parte da vanguarda proletária.

Marx estabelecera relações com Proudhon quando da sua estadia em Paris e é com esta interlocução que terá acesso a parte da vanguarda do proletariado existente. Queremos dizer com isso que a crítica de Marx não é um simples ataque moralista a um simples intelectual. Trata-se de uma crítica e postulamos que este é um aspecto fundante do método de Marx e de contribuições para o nosso tempo presente. Já dissertamos sobre o aspecto da crítica marxiana se estabelecer no sentido de superação, de superar, uma negação

que é capaz de incorporar, no sentido alemão de *aufhebung/aufheben* (substantivo e verbo).

Todavia, é preciso considerar que Marx já se colocara em defesa de Proudhon nos manuscritos de 1844, quando da crítica, de acordo com ele, infundada que os filósofos livres da Alemanha lhe imputaram. E, ainda, que a preocupação de Marx ao criticar o socialista francês não é um tratado moralista sobre a ação revolucionada, mas antes de tudo, um posicionamento de polêmica radical diante de uma das direções do movimento operário europeu. Tratava-se de uma polêmica política em relação a interpretação da realidade que poderia conduzir a luta por caminhos, considerados por Marx, equivocados. Mesmo com toda admiração, Marx não poupou seu interlocutor.

Em cartas trocadas, Marx e Proudhon já apresentavam divergências sobre a organização da vanguarda revolucionária na Europa. E insistimos na interpretação de que a relação entre os dois quadros revolucionários não é a manifestação de uma rusga pessoal e vaidosa.

Neste sentido, a crítica para Marx, como um dos aspectos centrais de seu método, apresenta-se como característica de suas análises sobre o tempo presente. Nossa pesquisa apresentou algumas contribuições sobre esta questão de princípios norteadores, de formação humana entre os revolucionários. Assim, identificamos em Marx um conceito de crítica que está para além de uma simples definição do ato de criticar. Uma prática que pode colaborar, até os dias de hoje, para a educação da tradição marxista.

Como o princípio educativo hegemônico não é o marxiano, parte da tradição marxista é educada pela perspectiva de educação predominante: a liberal reprodutivista. Considerações que desenvolvemos ao trabalhar com os textos de Marx e que são apresentadas na primeira parte deste relatório como artigo publicado.

A práxis marxiana diante necessidade de realizar a crítica se faz de modo oposta a tradição cordial, insistimos, principio estes que não está fora da realidade da tradição de lutadores pós-Marx.

Marx inicia apresentando questionamentos. Para nós este elemento é da maior importância, pois não se trata de apenas realizar perguntas, mas sim de desenvolver problematizações. O método de Marx parte de problematizações no tempo presente, mantendo coerência com suas preocupações deste o período da Gazeta Renana em 1832. Nossa investigação procurou localizar este aspecto central no método de Marx: a crítica. Todos os aspectos que pudemos identificar em nossa pesquisa estão interconectados ao método marxiano, queremos dizer com isso que as categorias do método em Marx operam de conjunto, jamais separadas, com fórmulas ou abstrações vazias.

E o que é a crítica do tempo presente neste momento de 1847 para Marx?

Para os oponentes políticos de Marx se tratava de um tipo de crítica que chamaremos aqui de: a crítica desagradável (como observamos nas anotações de Proudhon em seu exemplar particular).

Antes é necessário abordar uma definição do que é a crítica. É verdade que existem várias definições e nenhuma delas é capaz de ser a única. Entretanto, apresentemos o conceito marxiano que entendemos ser mais sólido do que as temporárias definições.

Crítica é a construção da síntese teórica, que considera a totalidade, idealmente produzida, a partir do mundo concreto, neste sentido se assemelhando ao conceito de teoria. É aquele pensamento construído a partir do mundo real que se eleva a caracterizações comprometidas com a verdade que se compreende sempre a partir do social e historicamente construído.

Para Marx criticar é um ato histórico, pois não está relacionado a ações extra-humanas ou mesmo natural. Compreender historicamente as relações sociais em determinado momento é necessariamente procurar entender as formas e substâncias das coisas criadas pelo homem diante da natureza. É também a tentativa de entendimento do movimento da natureza e seus fenômenos que não são realizações humanas.

Criticar é estabelecer análises e caracterizações a partir da realidade mais concreta, da mais empírica até a mais abstrata/pensada. Isso quer dizer que a crítica é um movimento ideal que apenas os seres sociais são capazes de realizarem. Neste sentido, quando desenvolvemos a crítica, em relação à natureza e ao próprio homem, muitos acabam por se sentirem ofendidos, até mesmo atacados e se magoam. Poderiam dizer até mesmo que estariam diante de uma “crítica destrutiva”. Assim, abre-se espaço para a existência

de outra crítica: a construtiva, em contraposição a destrutiva. Não partilhamos desta classificação. Crítica construtiva está mais para eufemismo do que para o movimento teórico que parte do real na tentativa de compreendê-lo e superá-lo.

Crítica nos sentidos construtivo e destrutivo é mais uma das formas fetichizadas de obstrução na elevação do pensamento que se esforça para compreender o mundo dos homens e da natureza em franca relação simbiótica. A crítica marxiana é a que colocamos nas linhas anteriores: criticar é estabelecer análises e caracterizações a partir da realidade mais concreta, da mais empírica até a mais abstrata. Sobre a crítica ser desagradável (...). Desagradável é tudo aquilo ou coisa que não é capaz de produzir e reproduzir agrado ou prazer. Desagradar é uma ação indesejada para a maioria das pessoas e é entendível que assim o seja. Porém, o pensamento que acredita em um mundo plenamente agradável e prazeroso é também representação de uma parte da realidade social onde o real se coloca de forma fetichizada. O mundo não é plenamente agradável.

Não se afirma com isso que seja o homem egoísta por natureza. Mas não se pode desconsiderar que desde a convencionalizada pré-história da humanidade o homem vem passando por drásticas privações e que é diante de sua capacidade de idear e objetivar diante de suas relações com a natureza que esse mesmo ser social vem cada vez mais submetendo a natureza aos seus interesses, benéficos ou não.

Ainda, neste sentido apresentado, a crítica em Marx é aquela que ao buscar a análise e caracterização do mundo dos homens e se apresenta da forma mais certa sobre

determinada coisa ou ser é também a que ao fazer assim provoca nos seres objeto da crítica a sensação de desconforto, de desprazer: o desagradado. Nesta perspectiva, a crítica se torna sinônimo de ofensa, pois o ser criticado é desmascarado diante de suas relações mistificadas, coisificadas e estranhas a ele mesmo e a classe que pertence. O crítico (que também deve ser objeto da crítica que postula) é atacado como se tratasse de um ser desagradável e sua presença também se torna a manifestação do desagradável!

Para exemplificarmos esta situação o próprio Marx de 1847, passando pela Crítica de 1859 e mesmo O Capital de 1867, ao publicar parte de seus estudos críticos sobre a sociedade capitalista, provocara o descontentamento de seus interlocutores. Todo movimento ideal de análise e caracterização da sociedade que realizou não agradou em nada os círculos intelectuais de seu tempo, sobretudo daqueles que defendiam com unhas e dentes a sociedade burguesa no século XIX. A resposta inicial à crítica de Marx foi o silêncio: era desagradável demais, até mesmo para ser objeto de outra crítica. Foi assim que procedeu Proudhon diante da Miséria da Filosofia em 1847.

De lá até o nosso tempo presente a crítica marxiana vem desagradando muita gente, uma classe inteira para ser mais abrangente! Como funciona a sociedade? O que é a sociedade? O que é o salário? O que é o valor? Como se produz e reproduz valor? Foram abordagens críticas de Marx que se apresentaram como muito desagradáveis: crítica que desagrada.

Estabelece-se aqui a reivindicação do eufemismo na crítica. Entretanto, para Marx, crítica é crítica e não há que ser melindroso ao apresentar os resultados do processo ideal que se faz a partir do concreto. Na perspectiva marxiana, o crítico deve se comportar assim e não tem o direito de se reservar algo diferente para si mesmo se procura trabalhar a crítica na perspectiva de Marx.

A crítica construtiva, “aquela que não é desagradável” seria o velamento da realidade. Uma crítica que não é crítica, mas a mais real manifestação da “politicagem” pessoal ou de classe, e, em uma perspectiva revolucionária, o posicionamento crítico deve ser reivindicado e não marginalizado. A crítica que identificamos em Marx não é uma exclusividade do autor, mas uma construção social que apenas os homens são capazes de realizar e que caracteriza o método que investigamos.

## 1.2 CONSIDERAÇÕES MARXIANAS ESPECIFICAMENTE SOBRE O MÉTODO

Marx organiza seu livro em duas partes, compostas por capítulos e dedicará a abertura da Segunda Parte sobre a questão do método. Trabalharemos com este capítulo que aborda exatamente o tema central da nossa investigação.

Nesta crítica Marx apresenta algumas teses centrais à Proudhon, onde publica elementos fundamentais da sua concepção materialista da história anterior a publicação de “Para a Crítica da Economia Política” doze anos antes. Trata-

se de sete observações sobre o método, centrais e polemizadoras, onde podemos identificar considerações importantes sobre o método e tempo presente a partir do capítulo, intitulado: “A metafísica da economia política” (MARX, 2009, p. 119).

É neste capítulo que Marx apresenta suas observações sobre o método equivocado do pensador francês e aponta substanciais considerações sobre a história ao mesmo passo que desenvolve a crítica do presente. Estamos entre os anos de 1846-47, e já é possível observar consistência no conceito de história e tempo presente de Marx acompanhado do método, e, não entraremos aqui na polêmica de que a obra “Miséria da Filosofia” não representa a totalidade do pensamento de Proudhon, isso é uma obviedade, todavia ressaltamos este ponto diante de certa tradição anarquista que reivindica o pensador francês e nega o Alemão exilado, apenas por não estarem de acordo com as ácidas, é verdade, críticas de Marx ao entendido teórico do anarquismo<sup>3</sup>, e o fazem, sem ler Proudhon e poucamente o próprio texto de Marx, o que não contribui para entender nenhum e nem o outro.

Retroagimos brevemente, e continuaremos fazendo assim sempre que necessário, ao tempo de *Cronos* para observarmos como o conceito de História e tempo presente ligado ao método, se constituíram para além do período de

maturidade geracional tão reivindicado por parte da tradição Marxista. Conceitos que guardam a sua substância, histórica-social.

Nestas considerações, na primeira, Marx demonstra sua preocupação diante da necessidade de análise do movimento histórico para o entendimento do presente e sua transformação, coisa que não realizava os economistas nem Proudhon. Enfatiza a necessidade da análise histórica para compreender as relações sociais capitalistas em sua historicidade e não na sua naturalidade como fazia David Ricardo e Adam Smith e abstratamente o pensador francês em seu idealismo sobre o devir como de uma razão pura ou mesmo na tentativa de um gênio robusto onde tudo já existia, ou seja, outra situação em que sujeito se transforma predicado e predicado em sujeito puro e realizador. E também neste momento Marx busca a reafirmação das forças produtivas como predominantes em relação as relações sociais e a análise histórica, fundamental para a compreensão das relações por elas advindas historicamente naquele presente.

Neste momento, o conceito de abstração na pena de Proudhon é apresentado por Marx como metafísica em oposição a análise histórica, pois as categorias já estariam prontas, e, elas, as determinantes da história, mais uma vez o predicado se levanta com sujeito, assim como um defunto se

<sup>3</sup> Se nosso leitor consegue notar um tom de desconfiança quando nos referimos a ser o “pai do anarquismo” é porque Proudhon se aproxima muito mais do liberalismo, do individualismo burguês do que qualquer outra coisa do gênero. Mas não aprofundaremos nesta questão em nosso artigo, isso seria enveredar para outro objeto e o nosso é o conceito de história e tempo presente como parte de seu método (o que já é de muita valentia diante da produção do conhecimento em tempos de pós-modernidade e manutenção da repressão, através do patrulhamento ideológico na universidade pública por parte dos representantes da ultradireita reacionária).

levantaria da cova após o sétimo dia de uma missa não realizada, ou pior, o ressuscitar de uma alma morta e não encomendada, e pior, que ressuscita no céu, ao lado de deus mesmo sem a extrema unção.

Diferente disso é o “*movimento da história que produz as relações sociais*” (MARX, 2009, p. 122) não uma série de abstrações puras, desta forma questionando o método absoluto de Proudhon onde a história se anularia ao procurar identificar de modo dicotômico e moral o bem e o mal. Eliminar-se-ia o mal e focalizar-se-ia o bem e o que teríamos, de acordo com Marx é a nulidade da história.

Na segunda observação Marx já aponta o que apresenta ao público em 1859, ou seja, as relações entre forças produtivas e relações de produção. A primazia da primeira sobre a segunda, a determinação, no sentido que já apresentamos anteriormente, é afirmada também em 1846-47, e, neste texto, mas é menos fulminante do que no Prefácio de sua “Crítica...”, mais sistematizada à economia política. Vejamos como José Paulo Netto nos apresenta sua tradução da obra marxiana:

As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar a sua vida,

eles transformam todas as suas relações sociais. O moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial (MARX, 2009, p. 125).

Além de demonstrar que o pensamento marxiano opera na longa duração história, não eliminando as outras possíveis temporalidades, a ênfase do conceito de modo de produção dada em 1859 pode ser identificada em 1847. O ser social estabelece relações de acordo com realização material que produzem na história. Isso quer dizer que aquilo que Marx chama em 1859 de superestrutura está intimamente ligada a produtividade material, e material aqui, insistimos, não está no sentido da mera tangibilidade dos objetos, dos bens, das mercadorias. Assim, as categorias não são absolutas, mas relativas, “[...] *são produtos históricos e transitórios*” (MARX, 2009, p. 126). A história é para Marx um movimento contínuo de crescimento nas forças produtivas e que em dado momento a crise e a própria negação das relações sociais se estabelece e este fenômeno histórico não anula a histórica, ao seu contrário, alimenta a fornalha da produção humana, com elementos bons e ruins (admitindo a linguagem de Proudhon<sup>4</sup>) e seus complexos de múltiplas determinações na totalidade histórica.

<sup>4</sup> A tradução de livro de Proudhon, realizada pela Editora Ícone no Brasil, sob tradução de *José Carlos Orsi Morel* nos possibilita a localização destes termos e evidentemente eles não aparecem formalmente em todas, nem mesmo no seu conjunto maior das 438 páginas do Tomo I. Marx identifica esse dualismo limitante da história para além da forma grafada no texto de Proudhon, por isso a ênfase de Marx em seu capítulo de “*miséria da Filosofia*”, sobretudo a partir da quarta consideração (MARX, 2009, p. 127). Como publicado em língua portuguesa no Brasil: “*A proporção do bem e do mal, [...]*” (PROUDHON, 2003, p. 203); “[...] *aos meus olhos, do justo e do injusto e do bem e do mal na sociedade*” (PROUDHON, 2003, p. 319-320); quando trata do valor, “*de maneira uniforme o bem e o mal, [...]*” (PROUDHON, 2003, p.244). Ainda poderíamos apontar

E na terceira observação Marx continua a demonstrar que a história não é uma seriação de relações de produção e mais uma vez enfatiza a totalidade como o que constitui as relações sociais. A história não é observada como um conjunto de séries, ou nas palavras de Marx *“as relações econômicas como umas tantas fases sociais que se engendram umas às outras, que resultam uma das outras assim como a antítese resulta da tese, e que realizam, na sua sucessão lógica, a razão impessoal da humanidade”* (MARX, 2009, p. 126); teria assim uma sucessão lógica que nos levaria a igualdade, mas não há igualdade para o tempo presente de Marx e considerar a história diferente disso seria se dessintonizar do conceito de história e tempo presente em nosso principal sujeito de estudo. Na quarta observação, como apontamos anteriormente, a crítica ao binarismo da lógica histórica recebe inferência uma vez que se trata de eliminar o lado mal da história eliminar-se-ia toda ela. Para Marx a história não é bipolar, não se trata de polaridade boas ou ruins, o devir se constitui com contradições, o movimento

do processo histórico não é constituído de dois termos a-históricos e passível de separação concreta no mundo dos homens.

Queremos dizer com isso que as contradições geram crises e que estas crises movem a história sob condições determinadas, que a história é constituída por contradições, desconsiderar isso é a mais cabal demonstração de uma visão adâmica. Com efeito, é diante destas contradições, das negações das negações, queremos dizer das sínteses de múltiplas determinações que o devir se estabelece, desde a mais remota existência do ser social diante da natureza, e mais, desde antes dos seres sociais se constituírem em humanidade é possível identificar a constante relação de contradições que marcam a existência dos seres, em especial dos animais, entre eles aqueles que se humanizaram e criaram a história.

Quando da quarta observação, considera os desafios pré-históricos do homem para se alimentar, sobreviver diante de outros animais, esse lado “ruim”, “mal”, da realidade é

---

algumas problematizações da introdução da obra de Proudhon, que é escrita pelo próprio tradutor José Carlos (MOREL, 2003, p. 7-36), mas enveredaríamos para outros sertões. Principalmente se considerássemos a tradução que José Carlos (2004) faz de Marx em Miséria da Filosofia em 2004 pela mesma editora e seus comentários introdutórios à obra. Neste Caso, para contrapor-se ao já citado trabalho de tradução de José Paulo Netto publicado pela Editora Expressão Popular, neste mesmo tradutor, há outra publicação dos anos oitenta, pela Global Editora (MARX, 1985), ambas com introduções do José Paulo e que recorremos para nossas considerações de estudo. Para o debate sobre a teoria do valor em Marx e Proudhon, existe um artigo muito importante de José Flávio Bertero publicado da Revista de Estudos de Sociologia que aborda de forma clara as diferenças e os limites dos dois autores, e, reconhece a importância de Marx nos anos de 1840 como sendo um considerável esboço da constituição do ser social regido pelo capital, mesmo não aparecendo claramente ainda conceitos como mais valia e força de trabalho, *“Marx concebe o trabalho como uma mercadoria particular, capaz de criar valor. Trabalho, note-se bem, e não força de trabalho, pois ele ainda não havia elaborado esse conceito. Isso o incapacita, naquele momento (1846/47), para explicar de maneira clara e precisa a origem do excedente. Só dez anos mais tarde, com a sua Contribuição à Crítica da Economia Política (1857) e os Borradores de O Capital (1857/58) é que elaborará esse conceito, bem como o de mais-valia. Tinha, entretanto, na ocasião da redação da Miséria de Filosofia, uma dada concepção do real e de ciência. E essa dupla concepção que faz com que, a nosso ver, essa obra seja uma espécie de embrião da expressão científica da sociedade burguesa, concluída em seus estudos posteriores, particularmente em O Capital, estudo no qual apreende as leis que regem o movimento do ser social sob o domínio dele, capital, as quais estão somente esboçadas na Miséria da Filosofia”* (BERTERO, 2014, p. 9-34).

também o elemento que possibilita a superação daquele determinado estado de coisas. A necessidade de sobreviver diante do todo, onde as leis da natureza imperam de forma impiedosa é também aquilo que coloca o homem preocupado, como diz Karel Kosik (1976), a relação do homem diante da natureza é feroz e dessa ferocidade se afirma, nega, supera e se recria, ou mesmo se extingue. Marx dá ricos exemplos históricos de como é impossível a eliminação de parte de uma história bipolarizada e com isso nos coloca também parte de suas considerações sobre o conceito de história e tempo presente. Marx cita exemplos históricos como a América do Norte, o que seria os Estados Unidos sem a escravidão (temos que pensar isso para além da moral)? O que seria o capitalismo sem a exploração do trabalhador, do assalariamento? Observemos que os exemplos são fincados a partir de problematização, diferente do método do pensador francês, que Marx faz diante do seu tempo presente. O conceito de história, sempre vinculado as preocupações no tempo presente para Marx é discordante de tal separação pretensamente epistemológica de separar as partes, ou parte, boa das ruínas, ou recorrendo ao judaico-cristianismo, separar o joio do trigo, pois o trigo pode ser bem trabalho, justamente por ter o homem de retirar o trigo da lavoura, queremos dizer, joio faz parte da totalidade social e neste caso natural da produção da vida (não queremos dizer que o joio é o elemento determinante na produção de trigo, mas que tal separação poderia negar o desenvolvimento de técnicas onde o homem diante de dificuldades, crise e

contradições, buscaria a superação de determinados fenômenos).

Ainda seguindo rapidamente as observações de Marx, na quinta, sua crítica continua sendo em relação a construção de um tipo de interpretação da história que acaba por negar ela própria. Que história se considera? Que fazer histórico (não necessariamente o fazer do historiador apenas) se realiza? O conceito de história para Marx não trabalho com princípios abstratos apriorísticos, já existentes, e exemplifica muito bem nossa afirmação quando questiona a existência de princípios no século XI e século XVIII, onde, para entender estes princípios predominantes é necessário primeiro, antes de explodir os pulmões de ar para anunciá-los, quem são os homens e mulheres no século XI e XXVIII? Como organizam a vida? Quais são as formas constitutivas da sua existência? E aqui mais apresenta mais uma vez que o seu conceito de história exige que saíamos da manifestação dos fenômenos e busquemos a essência das coisas que se manifesta nos fenômenos, é verdade, mas apenas em parte dos fenômenos. É preciso mais do que princípios, é necessário investigar o movimento história, para mais uma vez não se tomar o predicado como sujeito no tempo presente.

Nas duas demais observações que constituem o capítulo segundo de Miséria da Filosofia Marx continua suas problematizações sobre a história e tempo presente. A sexta, mantém o debate sobre a necessidade de estudar a história para que a análise no tempo presente seja a mais concreta possível. Acusa o método de seu interlocutor de promover a

negação da história, categoria central para o método marxiano. Critica a apresentação de fórmulas no método de Proudhon, pois para Marx o método, sua perspectiva histórica não permite fórmulas pré-estabelecidas. No método criticado, Marx aponta em todas as observações o problema do imobilismo histórico e aqui nesta observação demonstra o anacronismo da Filosofia da Miséria ao ignorar a totalidade da história dos camponeses escoceses, quando da postulação proudhoniana da suposta categoria de “providencia” que guiaria sempre para os aspectos positivos, bom, da humanidade. Marx ironiza questionando qual seria essa providência que guiará o camponês na Escócia da vida na terra para a expulsão desta no processo de acumulação primitiva de capitais. Que providência que supostamente conduz para o bem, sendo que ao considerar a história dos trabalhadores do século XVI ao XIX o que se contata é a constante pauperização e proletarização de suas vidas?

Tonifica pontos anteriores na sétima observação em relação de entender a história em movimento e a não compreensão do papel das contradições na história não é apenas não compreender Hegel, mas o próprio movimento histórico. Aparece aqui neste texto publicado em 1847 o esboço do que conhecemos hoje como o capítulo XXIV do Capital de 1867, Marx se atenta a esboçar uma chave para o entendimento do presente, retroativamente, apresentando seus estudos sobre a história de como as relações de produção vão colocando novas relações sociais, que na medida das suas necessidades vai criando novas necessidades e buscando se legitimar socialmente até mesmo por artifícios artificiais,

históricos, como o universo jurídico, lançando seu manto sagrado diante da história repleta de contradições e em constante movimento, velando a realidade no tempo presente. O eixo central na sexta observação é justamente esse, demonstrar como, historicamente (sem a preensão de ser historiador) as contradições vêm operando na história e como estas contradições, por mais doloridas que são, foram e são fundamentais para a constituição da história do concreto dos homens. No texto de 1859, também apresenta com tonalidade a preocupação de historicizar o presente onde realiza a sua abordagem sobre a sociedade capitalista, propondo apontamentos históricos sobre a história da mercadoria, uma preocupação depois não publicada em 1867, mas permanecendo a preocupação de historicizar suas problematizações a todo momento, e, é exatamente o que encontramos no Capital em várias seções, sobretudo nos capítulos XXIII e XXIV.

Termina suas observações reafirmando a necessidade de compreensão da história para além da moral, da bondade e de um princípio igualitarista, equilibrador das contradições do devir. Dá peso ao debate que encontraremos presente no texto de 1859 sobre forças produtivas e relações sociais, não seria exagero afirmarmos que em 1847 Marx já tem claro para si o conceito de método dialético, sempre ao lado de Engels, em aperfeiçoarem esse conceito diante do tempo presente e ao passo que realizam desta forma, fica mais evidente a não necessidade de formalizarem este a sua concepção de método, central na constituição do pensamento marxiano. Não por arrogância intelectual, mas por

maturidade intelectual, o que obviamente dificulta o trabalho de jovens pesquisadores e outros já mais maduros.

Marx não deixou nenhum livro, mesmo em rascunhos, até onde sabemos, que trate exclusivamente sobre o conceito de história e tempo presente, ou sobre o seu método, como fizera Emile Durkheim ou Marx Weber, ou Marc Bloch, Lucien Febvre e outros autores que são dados em classe, ensinados em aulas (por isso, chamados de clássicos).

Investigar o método em Marx, necessariamente, é enveredar-se para além da periodização seriada da história e das convenções mais aceitas sobre a escrita da história, por isso também a necessidade de reconhecer os limites da nossa investigação que apresenta ao nosso interlocutor mais um esforço de compreensão intelectual do que qualquer coisa como a última palavra sobre o assunto.

Estas considerações nos conduzem novamente a questão em que Marx finaliza o texto de 1847 sobre a transformação temporal, social, material no mundo dos homens concretos, onde as contradições históricas, não rígidas, apriorísticas, são fundantes na construção do devir e sobretudo as contradições entre as forças produtivas e as relações sociais de produção como assim já as entende em 1859. E, como também reafirma na publicação da sua “Para a Crítica da Economia Política” as condições de uma revolução social são colocadas historicamente, diante destas contradições, daí o problema daquele conceito de história que busca, ou idealiza, equilibrar os antagonismos e até mesmo aniquilá-lo eliminado o movimento, ou seja, a síntese, a

possibilidade de negação, numa palavra: a superação das contradições.

Neste sentido, quando advém uma época de revolução social, constatando-se a transformação da base econômica a superestrutura também se transforma com maior ou menor velocidade. E é justamente isso que Marx está observando ao escrever a sua crítica da economia política. O sistema do capital em desenvolvimento como relação social que produz valor, se expande para outras partes da Europa e para além dela, pois chega a África, América, Ásia ainda na sua fase de desenvolvimento, e, ao amadurece-se, vai estabelecendo novas formas e também se apropriando das formas antigas de reprodução da vida para se reproduzir enquanto relação que produz valor.

O comércio é o espaço onde estas transformações inicialmente são impostas, e no caso do capitalismo, observa-se como a superestrutura vai sendo substituída de acordo com as transformações econômicas predominantes. E no caso do capitalismo, esta transformação é efetiva com maior ou menor velocidade ao passo que o sistema do capital é implementado nas novas áreas continentais. Populações inteiras são avassaladas pelo capital, no sentido de que são colocadas de acordo com os interesses do capitalista e passam a consumir e produzirem de acordo com o interesse dos detentores de capital.

Neste sentido a superestrutura jurídica, política, religiosa é colocada de acordo com os novos rumos da produção da vida material, ignorando a superestrutura antiga ou mesmo subsumindo alguns de seus elementos a seu favor.

Talvez o caso mais emblemático para nós no Brasil seja a escravidão na América Portuguesa, que atendera os interesses da nova base econômica entre os séculos XV-XIX. Ao passo que o capitalismo se desenvolvia e amadurecia na Europa, no Brasil, por mais de quatro séculos se manteve uma produção material e espiritual, predominantemente de *Plantation*. Considerando que estas transformações se realizam de forma desigual e combinada, nos possibilita entender que a revolução social, também deve ser pensada historicamente, pois nem sempre essa transformação da base econômica apresenta de imediato a liberdade ou mesmo o fim da violência. Esta abordagem acerca da transformação social, a revolução social, terá maior destaque no dano de 1848, quando da publicação, pela Liga dos Comunistas, de seu manifesto que tratamos de analisar durante a pesquisa de pós-doutoramento a ser publicada futuramente.

## PALAVRAS FINAIS

Apresentamos alguns elementos históricos gerais, acerca do texto e contexto da obra de Marx, posteriormente, nos detivemos em parte da própria obra em debate.

Procuramos neste artigo, apresentar algumas palavras sobre o método em Marx, nomeadamente, o seu “método dialético”, pois foi assim chamado por ele. No caso marxiano é um erro crasso classificar seu método como materialista histórico – dialético, Marx nunca escreveu isso. Todavia, a tradição marxista, criou de tudo um pouco, até

mesmo a separação epistêmica do método ontológico de Marx, o que concretiza outro erro absurdo.

Este estudo ainda é parte de uma pesquisa em desenvolvimento sobre o método em Marx. Um método distinto da perspectiva epistemológica e que possui um conjunto de categorias, das quais, aqui apenas tratamos de uma delas: a crítica.

Esperamos ter colaborado de alguma forma para o mapeamento de fontes bibliográficas sobre o debate e mesmo com os limites pertinentes de um artigo, esperamos ainda que o texto possa colaborar com o debate sobre o método em Marx. Tema absolutamente vulgarizado e distorcido em relação as determinações do próprio conceito desenvolvido por Marx.

O conjunto maior de nossos estudos será publicizado posteriormente e de forma integral. Coube aqui breves apontamentos sobre o método marxiano em uma obra clássica, já traduzida para o Português há décadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTERO, José Flávio. *Gênese da sociabilidade capitalista: uma leitura de a Miséria da Filosofia de Karl Marx*. Revista de Estudo de Sociologia, Araraquara - SP, v. 19, n. 37, 2014.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. Trad. de José Paulo Netto. Global Editora: São Paulo 1985.

MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. Tradução de José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone, 2004.

MARX, Karl. *Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria do Sr. Proudhon*. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.

MOREL, José Carlos Orsi. *Introdução*. IN: PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria*. São Paulo: Editora Ícone, 2003, pp.

NETTO, José Paulo. *Introdução*. IN: MARX, Karl. *Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria do Sr. Proudhon*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da miséria*. São Paulo: Editora Ícone, 2003.